

O LUTO, A HISTÓRIA E A PSICANÁLISE: UM SENTIDO POSSÍVEL

MEURER, Ketlyn Larsson Padilha¹

DOS SANTOS, Ana Bela²

RESUMO

Este trabalho apresenta os conceitos de morte e luto, a partir das contribuições de Philippe Ariès, em um contexto introdutório, e da perspectiva psicanalítica, em sequência. Para atingir o objetivo de tal pesquisa, iniciou-se pela caracterização historiográfica dos conceitos de morte, luto e morrer. Em seguida, foram caracterizados os conceitos supracitados, através da ótica Freudiana, e aprofundou-se na exposição de autores pós-freudianos, para melhor explicar o que é a Morte e o Luto. As implicações desses conceitos, para a compreensão da morte e do luto, são amplamente discutidas na Psicanálise e, por este motivo, ao final do trabalho, apresenta-se uma breve reflexão sobre o processo da morte e do enlutamento, como um Mal-Estar, em um processo civilizatório, devido ao adensamento de tais discussões, na situação emergencial da pandemia Covid-19. O método utilizado para a realização deste projeto foi a revisão de literatura, mais precisamente, o estudo bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Luto. História. Psicanálise. Rito.

¹ Centro Universitário Campo Real. psi-ketlynmeurer@camporeal.edu.br

² Geógrafa, Psicóloga e Psicanalista. Especialista em Psicanálise, Mestra em Desenvolvimento Comunitário e Doutoranda em Educação (Unicentro – PR). Docente no Ensino Superior.

MOURNING, HISTORY, AND PSYCHOANALYSIS: A POSSIBLE MEANING

ABSTRACT

This work presents the concepts of death and mourning from the contributions of Philippe Ariès, in an introductory context, and from the psychoanalytic perspective in sequence. To achieve the objective of such research, we started with the historiographical characterization of the concepts of death, mourning and dying, then characterized the aforementioned concepts through the Freudian perspective and deepened the exposition of post-Freudian authors to better explain what Death is, and Mourning. The implications of these concepts for the understanding of death and mourning are widely discussed in Psychoanalysis, and for this reason, at the end of the work we present a brief reflection on the process of death and mourning as a malaise in a civilizing process, given the intensification of such discussions in the emergency situation of the Covid-19 pandemic. The method used to carry out this project was the literature review, more precisely the bibliographical study.

KEYWORDS: History. Mourning. Death. Psychoanalysis. Rite.

1 INTRODUÇÃO

O termo luto nos remete a significados comumente enlaçados à dor, onde o pensamento se desloca ao sentido subjetivo da condição humana e se encontra com o real imutável, de nível universal e considerado complexo. Um fenômeno que não encontra representação tangível e que, por não ser instituído nas sociedades e culturas como parte integral da vida, é tido, ainda, como um tabu.

A morte, analisada em tempos históricos distintos, apresenta diferenças, conforme o tempo e o espaço. Nos últimos séculos, ela passou a ser entendida de maneira singular e subjetiva e isso se caracterizou como uma ruptura nas ritualísticas do luto. Novos autores, motivados por desenvolver outras perspectivas de análise, apresentaram conceitos importantes sobre a compreensão da morte, do luto e sobre como a Psicanálise compreende estes processos.

A separação vivida por aqueles que permanecem vivos e que vivenciam o luto é explicada por Freud, em seu livro *Luto e Melancolia*, de 1917. O sujeito enlutado vivencia a dor do objeto perdido e acessa uma variação de representações difusas, ocorrendo, durante esse tempo, uma “dedicação exclusiva ao luto, na qual nada mais resta para outros propósitos e interesses” (Freud, 1917, p. 49).

Sabe-se que Freud foi um dos primeiros teóricos a abordar o luto de forma precisa e aprofundada. Sua obra *Luto e Melancolia*, de 1917, é um dos escritos primários na compreensão de tais processos, considerado de grande relevância para aqueles que buscam compreender o fenômeno da morte e do morrer. De maneira geral, Freud nos apresentou à experiência como um processo natural e que é imposto à vida humana, sendo parte constitutiva de nossa cultura e de nossa existência.

O cenário pandêmico do Coronavírus, entendido como uma situação emergencial, apresentou-se como um fenômeno muito estressor, desencadeando perdas reais e simbólicas. Sabe-se do compromisso referido ao profissional da Psicologia e de sua contribuição em tal cena, por este motivo, será trazido o tema, ao final do trabalho.

Propõe-se, ainda, apresentar uma breve historiografia sobre o conceito de morte, sendo tal introdução pautada nos escritos de Philippe Ariès. No seguimento do trabalho, será apresentada a perspectiva psicanalítica freudiana sobre o conceito de luto e melancolia. Por fim, será abordada a discussão de autores pós-freudianos que contribuíram imensamente para o adensamento de pesquisas sobre o tema. A relevância do presente estudo se caracteriza pela

disposição e generalização dos conceitos apresentados, compreendendo que a história e a psicanálise têm muito a nos proporcionar na busca do sentido daquilo que perdemos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve seu início no mês de maio, de dois mil e vinte dois e, posteriormente, desenvolveu-se entre os meses de maio e novembro, do mesmo ano. O método escolhido foi a revisão de literatura, também chamada de pesquisa bibliográfica, tendo o objetivo de apresentar, de forma qualitativa, os conhecimentos acerca de um dado fenômeno. Segundo o autor Amaral (2007), o método da pesquisa bibliográfica é a parte da epistemologia do que se compreende como científico. Para o autor, esse tipo de busca ocorre através do “levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas a uma dada pesquisa” Amaral (2007, p.1).

Para o autor Feldens (1981), após o selecionamento de dados e a elaboração de um quadro, onde existem menções sobre autores, se faz possível notar a importância do tema citado, tanto no ambiente acadêmico quanto para a sociedade. Devido à demorada questão, foram organizados artigos e autores com significância dentro do tema supracitado. Esta pesquisa aconteceu da seguinte maneira: primeiramente, foi realizada uma busca refinada com os descritores (coleta de dados), em seguida, buscou-se fazer a análise e a leitura dos documentos encontrados, de acordo com os objetivos pretendidos e, consecutivamente, a leitura para início da escrita. Logo após, realizou-se uma interpretação do que foi compreendido (FELDENS, 1981, p. 1190).

O percurso investigativo foi realizado de forma sistematizada, uma vez que os dados foram obtidos pela leitura de artigos e livros sobre o referido tema. Para tal pesquisa, foram utilizados, como plataforma de coleta de dados, o Google Acadêmico, Scielo e PePsic, tendo por descritores as palavras **História, Luto, Morte, Psicanálise e Rito**. Seguindo o critério de data de publicação (2013-2020), foram encontrados 7660 resultados. Ao final da seleção, manteve-se o foco em observar os títulos com o intuito de selecionar os que tinham maior semelhança com o tema, selecionando 15 e excluindo o total de 11. Sendo assim, restaram 4 artigos com maior ênfase na teoria psicanalítica.

O artigo está organizado em uma breve introdução sobre as contribuições do autor e historiador Philippe Ariès, usando, como referência, o livro “História da Morte no Ocidente”

(1977). Logo em seguida, foi realizado um aprofundamento dos escritos freudianos sobre o Luto e das discussões de Maria Júlia Kovács (2003) e Maria Helena Pereira Franco (2021).

3 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A MORTE E O MORRER

Para compreender os ritos frente à morte, se faz necessária a reflexão sobre como os povos ancestrais vivenciavam as suas perdas e como tratavam a “partida”, em seus primórdios. Segundo o autor Thomas (1992), o feito do enterro começou com o homem de Neandertal. Para a realização deste, se fazia necessário abrir um espaço em uma rocha, com os corpos inseridos na posição de cócoras. Após este processo, os corpos eram cobertos por pedras, fazendo lembrança ao ente falecido. Esse ritual diferenciou o comportamento deste grupo daqueles que vieram antes, onde os corpos eram deixados à mercê de animais necrófagos (THOMAS, 1992).

Para Oliveira e Trindade (1991), o homem de Cro-Magnon (admitido como o povo mais antigo da Europa) apresentava uma atuação fúnebre diferente. Os mortos eram esticados de maneira reta, semelhante à linha do horizonte, e havia uma ritualística em seu enterro. No Mesolítico, período pré-histórico e que se caracteriza como a época dos últimos caçadores, onde teve início a economia produtiva, os enterros eram coletivos, isso devido às pragas que assolavam as comunidades e, também, às guerras entre tribos (TRINDADE, 1991). É importante salientar que foram poucas as culturas que se assemelharam ao método fúnebre Egípcio, sendo este considerado um marco importante naquilo que diz respeito aos rituais antigos sobre a morte e o morrer, com hinos, orações e costumes importantes para a época (TRINDADE, 1991).

O historiador Philippe Ariès, em seu trabalho *História da Morte no Ocidente*, apresenta os processos fúnebres de enlutamento enfatizando suas modificações no decorrer do tempo. Nos tempos primários, como referiu Ariès (1977), observava-se a indiferença frente ao corpo morto, mas, com o tempo, a antiga atitude mudou e a morte se tornou próxima e em um tempo familiar e comunitário. Os sentidos sobre a finitude foram representados de forma ritualística e nos tornamos medrosos frente ao processo de morte e morrer:

Quando nos tornamos cientes da possibilidade de nossa finitude alcançamos um lugar diferente para a dor, para a morte e para o ritual. O moribundo, que ao passar do tempo, se tornou responsabilidade do Estado e da família, passou também a participar mais ativamente em seu processo de morrer, caracterizando uma atitude de conformação e familiaridade. Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem exaltá-la (ARIÈS, 1977, p. 57-61).

Para o autor, o homem da Idade Média tinha consciência de que era um morto em suspensão condicional. Por ter maior percepção sobre o seu fim, possuía uma paixão por viver e a ideia da morte impeliu-o de ter uma maior consciência de si mesmo. Os atos fúnebres e a necessidade da ritualização da morte aparecem, inclusive, na literatura e na arte:

Quando Lancelot, ferido e perdido na floresta deserta, percebe que “perdeu até o poder sobre seu corpo”, pensa que vai morrer. Que faz ele então? Gestos que lhe são ditos pelos antigos costumes, gestos rituais que devem ser feitos quando se vai morrer. Despoja-se de suas armas, deita-se sabiamente no chão; deveria estar no leito, “jazendo no leito, enfermo”, repetirão por muitos séculos os testamentos (AIRÈS, 1977, p. 36).

Em suma, tornava-se visível que a morte, antes tida como algo simples e de parte da cultura e, por consequência, de sua manifestação. Ariès menciona pontos importantes de como a morte era encarada, até mesmo por aquele que estava se deparando com a situação da proximidade de seu próprio fim. O indivíduo “moribundo”, como assim mencionado, quando estava perto da morte, tomava suas atitudes e tudo era feito de forma singela, sendo que essas atitudes estavam ligadas à questão da familiaridade com o momento da morte e do morrer (AIRÈS, 1977).

Entre os séculos XII e XVII, as características sobre a ritualização da morte se caracterizavam pela simplicidade das cerimônias fúnebres e pelo fato de estas serem eventos públicos. O moribundo deveria estar no centro das pessoas, pois o maior temor era o de morrer só. Será observado como essa necessidade contrasta com a morte na atualidade, que é fundamentalmente um evento solitário, principalmente quando ocorre em um hospital (AIRÈS, 1977, p. 34).

Philippe Ariès (1977) nos apresenta ao conceito de morte velada, decorrente dos séculos XVI e XVII, onde os cadáveres eram enterrados juntamente das igrejas, caracterizando a morte como uma espécie de asilo/cemitério.

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que haviam se desenvolvido em torno das abadias, penetravam, também, no coração histórico das cidades. A partir de então, não houve mais diferença entre a igreja e o cemitério (AIRÈS, 1977, p. 43).

O cemitério, construído no centro do povoado, apresentava a necessidade de proximidade, como levanta o autor. A família se aproxima do “prazer de estar junto” daqueles que se foram. Os cemitérios ocuparam o lugar do centro da comunidade por muito tempo, tornando-se parte do turismo religioso de algumas localidades (ARIÈS, 1977, p. 47).

Essas contribuições são de extrema relevância quando pensamos no quanto as questões envolvendo a morte e o processo do morrer passaram por modificações ao longo dos tempos. Na narrativa acima, o autor apresenta a necessidade do encontro com aquele que partiu, comportamento este que se tornou aversivo já no século seguinte. Frente aos “asilos”, o povoado começaria a pensar em novas formas e possibilidades de enterro, por “medo de que os mortos voltassem para os perturbar”, estando estes no centro das vilas. A solução foi o deslocamento do cemitério para as periferias das vilas e, posteriormente, das cidades (ARIÈS, 1977, p. 56).

A partir do século XVIII, as sociedades ocidentais passaram a dar à morte um sentido novo. Exaltando-a, dramatizando-a, representando-a de forma romântica e arrebatadora (ARIÈS, 1977, p.66). Épocas marcantes, as quais transcendem os significados de tempos primordiais e dão ênfase a uma nova forma de vivenciar a finitude. Compreende-se, de modo geral, que falar sobre a morte causa desconforto e, para aquele que a teme ou teme a morte de alguém próximo, a significação da morte é algo que exige muito investimento. Investimento libidinal, como citado por Freud, em 1917, e que responde à manifestação da cultura vigente, entendendo que cada povoado tem uma maneira distinta de interpretação dos instituídos sobre o luto.

A morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado. Algo diante do qual não se encontram palavras. Essa impossibilidade de simbolizá-la, de incluí-la na rede de ideias e pensamentos, torna-a terrificante. A própria palavra Morte não dá conta do que ela seja: cada um de nós tentará enganchá-la em outras palavras, que expressam ideias, fantasias, crenças. Termos tais como “fim”, “passagem”, “encontro”, “paraíso”, “Deus”, “reencarnação” que tentam aproximar o indivíduo de um esboço de explicação. Mas, estas últimas palavras também são pobres para descrever o muito que se imagina e o tão pouco que se sabe (KOVÁCS, 2003, p.13).

Morrer é uma metáfora da vida, sendo subjetiva em sua totalidade (AIRÈS, 1977, p. 58). É entendida como algo de difícil aceitação, pois não está carregada de representação simbólica, tanto para aquele que se encontra em um momento de aflição/ enfermidade quanto para aquele que vive a realidade da perda do outro.

Com base em estudos sobre a morte, é possível que existam mudanças na interpretação do significado do morrer, isso devido à forma como pensamos, na contemporaneidade, no sentido da palavra e na questão dos atos fúnebres. Kübler-Ross (2017) menciona que, mesmo com as alterações e mudanças que atravessam o tema no decorrer dos séculos, os indivíduos ainda a encaram de maneira árdua e sombria. Ocorreram mudanças importantes nos rituais, mas a questão da própria morte, deste lugar inconsciente, ainda permanece inalcançável. O

abatimento do eu se apresenta lacerável, inimaginável para alguns, o que impossibilita o sujeito frente ao cogito do fato.

Para Labaki (2001), a morte é vista com impedimento/bloqueio de representação para o inconsciente, pois a negamos, tornando-a difícil frente à necessidade de simbolização, coisa está já descrita por Freud, em 1917, onde o luto, de modo geral, é representado na perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, sendo processo árduo de ser realizado, liberado e novamente ocupado (FREUD, 1917, p. 249).

4 O LUTO E A PSICANÁLISE

Sabe-se que a psicanálise nasceu com o neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud, há mais de 100 anos. Um dos marcos mais importantes na carreira de Freud (1905) ocorreu quando este percebeu que uma de suas pacientes histéricas clamava por ser ouvida. O clínico, em sua sensibilidade, acolheu as suas angústias e, através da associação livre³, foi possível visualizar a melhora dos sintomas da mesma.

Anos à frente, já elaborando importantes avanços para a teoria psicanalítica, Freud se deparava com um cenário desolador entre os anos de 1910 e 1917. O cenário que se apresentava era o berço da Primeira Guerra Mundial. Frente às perdas ao redor do mundo, o psiquiatra austríaco passou a estudar o sofrimento psíquico da época, realizando estudos valiosos, como a obra *Luto e Melancolia*, de 1917.

Em tal obra, Freud apresenta o luto como uma ruptura ligada a uma representação significativa para o indivíduo, compreendendo-o como algo além da morte do corpo, sendo um desligamento de um cargo importante, um sonho que não foi possível alcançar ou o rompimento de um relacionamento afetivo, caracterizando, então, o *luto real e simbólico*, e exemplificando o primeiro com a imposição da morte e o segundo como uma mãe que se depara com um bebê diferente daquilo que estava no seu imaginário. É válido enfatizar que a maneira com que o indivíduo encara situações de perdas desde a infância será condizente a como lida com essas situações e adaptações exigentes em outros momentos da vida (CAVALCANTI; SAMCZUK, 2013, p. 86).

³ Associação livre: "método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea" (Laplanche & Pontalis, 1992, p. 38).

Pode-se pensar que o luto se constitui quando ocorre a castração/desligamento de um objeto, no qual havia grande energia libidinal investida. Na psicanálise, a energia libidinal é entendida como dotada de investimentos pulsionais e cercada pelo desejo. Sendo assim, quando o rompimento ocorre, o indivíduo se priva de investir sua energia libidinal em outros objetos, acarretando em “um mundo externo sem sentido, vazio” (FREUD, 1917-2014).

“Ser arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar”. Eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas a perda do objeto, é, também, a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto. Lugar de amado, de amigo, de filho, de irmão.

Com a morte de Dito, Miguilim perdeu também o lugar que ocupava no afeto daquele irmão querido. Ou melhor: foi arrancado brutalmente daquele lugar; entretanto, continuava ali, na casa de sempre, no Mutum onde nasceu e que, agora, lhe pareciam estranhos, vazios de interesse e alegria (FREUD, 1915-2014, n.p).

Freud (1915-2014) descreve o luto como sendo um processo natural e inerente à condição humana, não como patológico. É através da dor única e subjetiva, que ocorre em um processo, que o desligamento do objeto de amor perdido irá acontecer, ocorrendo o empobrecimento do ego.

No luto, o indivíduo reconhece aquilo que perdeu, tendo consciência de que o objeto não existe mais, diferente da melancolia, onde é possível perceber um estado dificultado do luto. Ou seja, o melancólico sente que sua vida acabou junto com a partida do ente querido, não conseguindo ver sentido em sua rotina e nem na própria existência, havendo um empobrecimento egoico (FREUD, 1915-2014).

Neste sentido, pode-se pensar que situações de risco (emergenciais), ou o momento vivido pelo próprio autor, a Primeira Guerra Mundial, poderiam ser desencadeantes do que atualmente se chama de luto complicado. Este tipo de enlutamento apresenta um estado de maior sofrimento, o aparecimento de delírios e a impossibilidade da simbolização sobre o objeto perdido (FRANCO, 2021).

Para Franco (2021), a pessoa enlutada passará por processos de mudança importantes na sua rotina, destacando que Freud, em 1917, enunciou tal processo e o nomeou como melancolia. A autora aponta que uma perda não ocorre somente quando acontece o rompimento do vínculo real (morte), mas quando existe ligação, um sentimentalismo forte frente àquilo que acomete o sujeito – percebendo que isso poderá acontecer tanto na situação do falecimento de fato (do objeto de afeto/amor) quanto em situações onde indivíduo se depara com uma perda

simbólica/imaginária que, para si, era um objeto dotado de afeto e significado. Franco compreende que a perda de um ser amado pode ser psicologicamente comparada à dor de um ferimento, no qual o indivíduo se vê cercado por uma angústia profunda e isso deve ser entendido também do lugar do luto, sendo algo que precisa de uma atenção focal e que leva o sujeito a necessitar de intervenções/tratamentos que visem à travessia de tal processo. Percebe-se, ainda em tal questão, o quão necessário é o papel da Psicologia no fenômeno da morte, pois a ciência visa ao acolhimento do sujeito nas mais diversificadas demandas, inclusive no luto, a partir de um olhar humanizado e biopsicossocial (BOWLBY & ENGEL, 1981 – 1961 apud FRANCO, 2021).

Franco (2021) enfatiza o termo “trabalho de luto” como um marco de grande importância para os tempos atuais, pois entende que o trabalho psíquico é algo único e singular e que essas questões apresentam inúmeras variáveis, inclusive o cuidado com um enfermo e a ruptura que acontece sem avisos prévios, como em desastres, acidentes e pandemias. Segundo Franco (2021, p. 48), “esta é a principal tarefa do trabalho do luto: romper os laços com ele, confrontando os sentimentos e emoções associados à perda, chorando a morte, expressando tristeza ou saudade do morto”.

A autora traz percepções importantes, a partir dos estudos de Worden (1993-2015). Em seu trabalho, apresenta o labor psíquico e o caracteriza como a realidade da perda, compreendendo que a própria realidade insiste, de forma árdua, em mostrar que o desligamento é necessário frente a algo que não voltará mais. No decorrer do tempo, uma segunda demanda se apresenta, sendo a necessidade de processar a dor do luto, algo que demanda tempo e, por isso, não limita o trabalho em uma cronologia específica. Esses sentimentos referentes ao luto são considerados, até certa medida, normais, porque isso mostra a tentativa de construção de uma nova representação sobre aquilo que foi perdido. Quando essa tarefa se der por concluída, o ego estará pronto para liberar tal energia e investí-la em outra coisa. O ajustamento ao mundo, agora sem o objeto de amor, tomará outra forma e o sujeito precisará conhecer uma nova forma de existência (FRANCO, 2021, p. 64).

A autora Franco (2021, p. 64), diante dos estudos de Worden (1913-2015), apresenta três tipos de ajustamentos a serem realizados com o indivíduo. Seriam eles: 1) Externos, onde as mudanças ocasionadas pela morte afetam a vida cotidiana; 2) Internos, onde a morte afeta a definição do eu, da autoestima e do senso de eficiência para os enfrentamentos da existência; 3) Espirituais, onde a morte afeta as suposições básicas sobre Deus e o mundo.

A quarta questão, e que merece nossa atenção, retrata o encontro com o lugar emocional para o ente falecido, compreendendo a morte não como um fim e nem que a pessoa enlutada precisa apagar as memórias de amor ou superar a ponto de não lembrar. A questão, para Franco, é lembrar sem dor. Neste ponto, o sujeito retorna ao pensamento do ente que partiu com saudade e não com enfrentamento.

Tanto Freud (1917) quanto Franco (2021) nos brindam com uma série de aspectos focais em relação às fases do luto, evidenciando a singularidade do processo e ressaltando a importância da fluidez. Não há uma ordem tangível e nem cronológica para o atravessamento, há sujeitos e cada um em sua dor (FRANCO, 2021, p. 74).

5 A MORTE COMO UM MAL-ESTAR CIVILIZATÓRIO EM SITUAÇÕES DE CRISE

Quando se viveu por muito tempo numa civilização específica e, com frequência, tentou-se descobrir quais foram suas origens e seu desenvolvimento, fica-se, por vezes, tentando olhar para outra direção e indagar sobre o destino que a espera. É assim que Freud inaugura os escritos sobre “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na civilização”.

O texto “O futuro de uma ilusão” foi publicado em 1927, sob o título em alemão *Die Zukunft einer Illusion*. Em 1928, foi traduzido para o inglês como *The future of an Illusion*, por W. D. Robson-Scott e retomada, sem alterações, por James Strachey, em 1961. Marie Bonaparte, em 1932, traduziu a obra de Freud para o francês com o nome *L'Avenir d'une illusion* e, por fim, em 1994, Anne Balseinte, Jean-Gilbert Delarbre e Daniel Hartmann, sem mudança em relação ao título da obra (ROUDINESCO & PLON, 1998). Em tal livro, Freud elucida a forma como a civilização humana entende os regulamentos culturais, como estes funcionam e como os grupos sociais se relacionam e compreendem as suas perdas.

Já nos capítulos introdutórios, o autor esclarece que a civilização fornece, aos sujeitos, ideias prontas daquilo que é ganhar e perder e como isso se constitui como herança de muitas gerações e as atravessa. A grandiosidade deste plano afirma um indivíduo aparelhado com as mais variadas disposições instintuais, cujo curso definitivo é determinado pelas experiências da infância e institucionalizado, quando o sujeito adentra a cultura.

Para Freud, a civilização repousaria em uma compulsão de trabalhar a renúncia ao instinto, provocando, inevitavelmente, a oposição por tais exigências. A civilização seria defendida através de medidas de coerção, destinadas ao ato conciliador entre os atores sociais

e ela, em uma existência vivida em sacrifício, na proibição, na privação, no controle da dor e do sofrimento, tendo como benefício a autorização para a vida civilizada.

Mas há relação entre o Mal-Estar Civilizatório e a compreensão dos processos de enlutamento? Sim, e é isso por que, para a psicanálise, o mal-estar ocorre no embate entre o sujeito e aquilo que o reprime, o encarcera e que não lhe permite ser feliz e alcançar o gozo (FREUD, 1930).

Vivenciar uma situação de crise, como uma pandemia, um desastre ou outro fenômeno que desorganize a psique, pode, também, desorganizar a economia da libido, instituída entre o ego e os objetos, tornando ainda mais conflitante o processo de liberdade libidinal alcançada em um processo de luto saudável. Esta é uma hipótese levantada em tal discussão e é apontada como uma possibilidade, em situações de crise.

Como já apresentado anteriormente, a experiência da perda pode ser comparada à dor de uma ferida que está em aberto, causando uma alteração importante na vida dos sujeitos. Após a perda ocorrida, a libido insistirá em retornar ao objeto perdido, mas a realidade, de maneira a aflorar as mais diversas emoções e sentimentos, insistirá em mostrar que o objeto não mais retornará. Isso porque, enquanto o sujeito estiver no processo de “trabalho de luto”, o empobrecimento do ego o tornará incapaz de novos investimentos, sendo a questão, em si, considerada como “um trabalho de saúde psíquica” (FREUD, 2014).

Sabe-se, portanto, que a inteireza do trabalho de luto ocorre de forma lenta, onde se apresenta a necessidade do desligamento da libido à fonte, nomeado por Freud (1917-2014) como desligamento do objeto de afeto/prazer. Isso ocorre devido a insatisfação narcísica, pois o ego carece da busca por novos investimentos, para sua satisfação.

É fato que as ritualizações mudaram com o passar do tempo. Nos tornamos mais grupais e passamos a investir mais afeto uns nos outros. A consequência disso é que sofreremos mais por aqueles que vão embora. Hoje, sabemos que, para o sujeito que está enfrentando a perda de algo ou alguém significativo, a consciência se torna hipomodulada, o tônus energético do viver é sobrecarregado e sintomas físicos, mais especificamente psicossomáticos, surgem na tentativa da dessimbolização árdua frente à impossibilidade do rito, que, antes, era tido como habitual e cultural. Na tentativa de amenização de tal sofrimento, os profissionais da saúde, principalmente os psicólogos, como previsto no próprio Código de Ética⁴, podem propor formas

⁴ Para o Código de Ética do Psicólogo, se faz um dever do profissional em saúde mental: d) Prestar serviços profissionais em situações de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefício pessoal.

de significação aos indivíduos que procuram atendimento, visando às possibilidades de ressignificação desse processo e ressaltando a situação dificultada pela perda repentina na qual se encontra (COGO, SILVEIRA, 2020). Para o referido autor, existem possibilidades de manejo do enfrentamento em determinada situação, sendo propostas algumas alternativas ao indivíduo enlutado, tais como a elaboração de uma carta contendo seus sentimentos e palavras que gostaria de dizer ao objeto de amor perdido, já que a situação, em si, foi inesperada e não houve a possibilidade de encerramento desse ciclo, sendo considerada uma estratégia de enfrentamento da situação e de processo de elaboração da perda (COGO, 2020). Outra possibilidade seria a criação de um memorial, construído para o ente, reservando um tempo para pensar nas lembranças propriamente ditas e, indiretamente, para a própria vivência do luto. A realização de tatuagens também pode ser uma forma de simbolização, considerando que essas podem ser vistas como uma homenagem para preservar a memória daquele que partiu. Segundo Pinho (2015, p. 248), “pode ser que, para alguns, sirva como um rito com função apaziguadora que visa mais suturar o furo (real) aberto pela perda do que tratá-lo; enquanto, para outros, pode vir para marcar uma separação”. Complementando as ressalvas como possibilidades que auxiliem no processo, em um cenário que exigiu do ser humano ressignificações constantes até naquilo que já se era instituído há tanto tempo na questão dos ritos.

Estamos o tempo todo em uma incessante busca. O demasiado apego ao falecido tenderá a diminuir com a imposição do real e a experiência da ausência irá solicitar. Com a vivência de emoções lacerantes, novas possibilidades de vida surgirão. O conceito de elaboração do luto se dá, então, em todo o processo de “cura” e no momento em que o sujeito retorna às suas atividades e volta a investir em outros feitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um fenômeno inerente à vida humana. Mesmo que, para muitos, ainda seja considerada como um tabu, é inevitável a questão da finitude da existência. Considerando, então, a relevância do tema, apresentou-se uma discussão historiográfica e psicanalítica sobre os conceitos de morte, morrer e luto, em uma contemporaneidade que foi dotada de perdas antecipadas e lutos inesperados, percebendo que os mais diversos fenômenos podem alterar a vivência do processo e acometer um mal-estar civilizatório tantas vezes generalizado.

Conclui-se que os objetivos da presente pesquisa foram atingidos, buscando, na historiografia, questões primordiais que descrevem como a morte era concebida pelos

ancestrais e, também, como esses manejavam a situação, podendo ressaltar as grandes mudanças ocorridas até o momento presente – incluindo a aversão da sociedade referente ao tema, partindo do século XVIII. Diante da questão do luto, se faz necessário o atravessamento por um trabalho psíquico atemporal, onde o indivíduo, após vivenciá-lo, encontrará novas possibilidades de investimentos, juntamente da pulsão de vida que, muitas vezes, se perde em meio ao sofrimento imposto.

A contemporaneidade e a era tecnológica, por si só, apresentaram contribuições relevantes nas possibilidades ritualísticas, permitindo refletir maneiras de significação frente ao mal estar civilizatório dentro de um cenário clínico. Diante da situação e, também, da compreensão de conceitos, se traz a relevância do presente trabalho para a comunidade acadêmica e profissional, visto que são fenômenos inerentes à vida humana.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud (1915), trouxe uma importante reflexão sobre a existência em um processo transitório, ou seja, aquilo que não conseguimos eternizar, o que termina. Freud traz esse processo como essencial ao humano, mencionando o exemplo de uma flor que desabrocha em um dia, mas, no outro, padece.

Portanto, é necessário realizar o atravessamento por tal processo, para que a energia libidinal possa realizar novos investimentos, buscar novas essências e contemplar, mesmo após a dor, a transitoriedade⁵ da vida, refletindo a total singularidade do processo.

“A psicanálise prossegue, depositária que é da singularidade da dor da existência de cada um, pois as palavras faltam na sua impossibilidade de tudo significar, e o sentido da vida necessita permanentemente ser reconstruído. Mas nem sempre o homem consegue fazê-lo.”

Tradução de Marilene Carone⁶ – *Luto e Melancolia*

Sigmund Freud (1917-2014).

⁵ Freud contribuiu com o escrito *Sobre a Transitoriedade*, em épocas de situação de crise, pois se encontrava na Primeira Guerra Mundial.

⁶ Marilene Carone: psicanalista e tradutora de obras importantes de Freud, como *Luto e Melancolia*. Estudou Psicologia na Universidade de São Paulo e na Universidade de Viena.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Philippe. **História da morte no ocidente da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, 1977.
- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Ceará: UFC, p. 1-21, 2007.
- CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Ljeto; BONFIM, Tania Elena. **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein**. Psicólogo informação, v. 17, n. 17, p. 86-105, 2013.
- COGO, Ad et al. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. 2020.
- DO PSICÓLOGO, Código de Ética Profissional. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, agosto de, 2005.
- FELDENS, M.G.F. **Os propósitos da revisão de literatura e o desenvolvimento da pesquisa educacional**. Ciência e Cultura. v.33, n.9, p.1197-1199, 1981.
- FRANCO, M.H.P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. Summus Editorial, 2021.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Editora Cosac Naify, 2014.
- _____ **O mal-estar na civilização** (1930). Cienbook, 2020.
- _____ **Sobre a transitoriedade** [1915/1916] In: __. A história do movimento, 1989.
- Fundamentos da clínica psicanalítica**. Autêntica, 2017.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte temas e reflexões**. Casa do Psicólogo, 2003.
- _____ **Representações de morte. Morte e desenvolvimento humano**, v. 4, 1992.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. WWF Martins Fontes, 2017.
- LABAKI, M. E. P. **Morte (coleção Clínica Psicanalítica)**. Casa do Psicólogo, 2001.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Oliveira, A. O desafio da morte. Lisboa: Editorial Notícias. **O livro dos Mortos do Antigo Egito** (1991) (Maria Helena Trindade Lopes Trad.) Lisboa. Assírio & Alvim, 1999.
- PINHO, Miriam Ximenes et al. **O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: Uma leitura psicanalítica das tatuagens in memoriam**. 2015.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Inconsciente. E. Roudinesco & M. Plon, **Dicionário de psicanálise**, p. 374-378, 1998.
- THOMAS, L. V. **Les rites funéraires**. Editions Archeologia, nº 8, L 3440, 1992, n.p.